

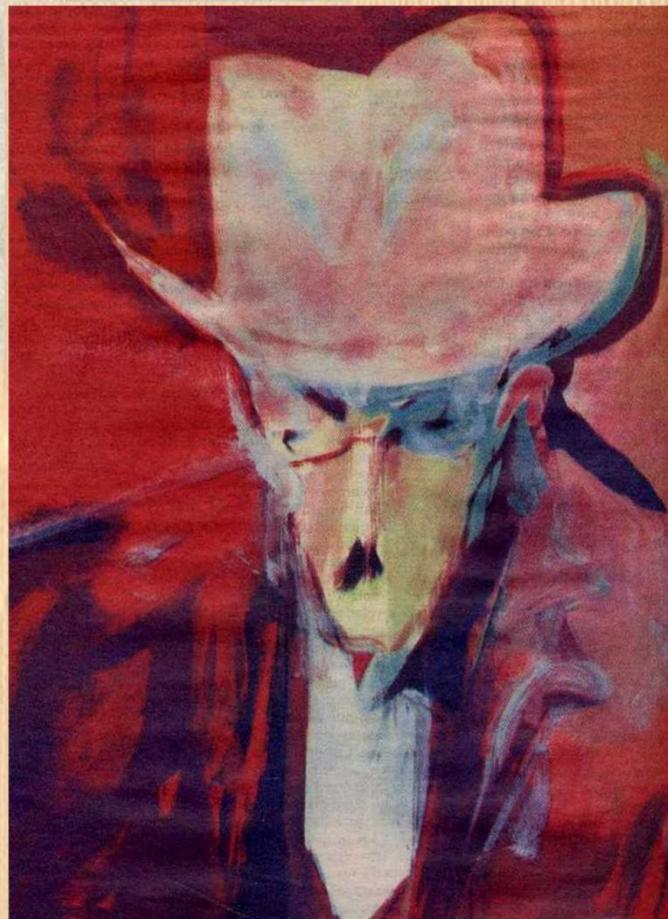
Houve uma só, e episódica, ligação afectiva na vida do poeta. Será preferível colocar a questão nos seguintes termos:

Fernando Pessoa ou o "noivo" da própria obra

David Mourão-Ferreira

É bem conhecido, pelo menos com os dados de que dispomos, o deserto da vida sentimental de Pessoa, o praticamente grau zero das suas experiências eróticas, não obstante a episódica relação afectiva com Ophélia Queiroz, a quem dirigiu estranhas cartas de amor, ora de pungente infantilismo ora de terrível consciência quanto à verdadeira e única Mulher a quem sabia pertencer — e que era, afinal, a própria obra, a própria poesia. «Que isto de 'outras afeições' e de 'outros caminhos' é consigo, Ophelinha, e não comigo. O meu destino pertence a outra Lei, de cuja existência a Ophelinha nem sabe, e está subordinado cada vez mais à obediência a Mestres que não permitem nem perdoam»: assim es-

creverá ele, em 29 de Novembro de 1920, aquando da primeira ruptura. E, quase nove anos depois — 29 de Setembro de 1929 —, por ocasião da segunda ruptura por ele igualmente provocada, ainda se mostrará mais explícito: «... a minha vida gira em torno da minha obra literária — boa ou má, que seja, ou possa ser. Tudo o mais na vida tem para mim um interesse secundário...»



Pessoa visto por Júlio Pomar (fragmento)

JORNAL DE LETRAS
14/06/1988



Maria Aliete Galhoz: uma paixão por Pessoa

Maria Aliete Galhoz: "O deslumbramento sobrepôs-se à humildade"

Muito antes da explosão pessoana, em 1953, ela publica o seu primeiro estudo sobre o poeta. Desde então não cessou o seu entusiasmo, vindo a organizar as Obras Completas para a Aguilar e a estar na origem da publicação de *Livro do Desassossego*. Era a entrevista que faltava. O JL foi ouvir

P. — Mas ele guardava mesmo tudo?

R. — Ele guardava tudo, mas tudo dos seus papéis. Olhe, encontrei quando os estudava, por ex., o retrato de um gato, o convite para o casamento de Casais Monteiro e até um recado da mulher a dias, dizendo que a sopa estava feita e bastava aquecer. Também vários é o suporte onde escreveu: papel de ofício, papel de almoço, papel manteiga, guardanapos, linguados de papel, papel de embrulhar bolos, que ele cortava em oitavos... tudo lhe servia. Neste aspecto foi importante o microfilme porque é material facilmente degradável, imagine lápis sobre guardanapo de papel...

P. — Depois de todos estes anos de convívio ao confrontar-se com mais um inédito... Pessoa ainda a surpreende?

R. — Eu sou uma leitora de Pessoa e incidentalmente uma trabalhadora de Pessoa, não sou uma especialista...

JORNAL DE LETRAS
14/06/1988



P. — ... se quiser então, como leitora, em termos emocionais, este Pessoa em perpétua gestação ainda lhe suscita espantos?

R. — Em relação à poesia e eu conheço a obra de Pessoa, mesmo o que está inédito, a minha atitude é aceitar com expectativa e interesse. Aceito, não faço comentários.

P. — Prepara outras edições de Pessoa? Já me disse que era outro o seu trabalho: agora o que é que a apaixona?

R. — Estou a trabalhar com o prof. José Augusto Saraiva para a edição do Pessoa ortónimo nas edições Archive, que é um organismo governamental ligado à UNESCO. Vai ter dois volumes. O 1.º volume é a *Mensagem* e os poemas de tipo hermético... eu só tenho a responsabilidade da fixação dos textos herméticos e do aparato crítico, com colaboração da professora Ivette Centeno e do prof. José Blanc... o 2.º livro é o resto da poesia ortónima, mas não exaustivamente, que tal não se conhece ainda... Por outro lado, estou ligada ao Inic e a um projecto de recolha e estudo da literatura oral popular e aí incide o meu trabalho, que é apaixonante.